

SEGURANÇA URBANA: AUTORIDADES E INEFICIÊNCIA - 59 A CIDADE EM QUE TODOS VIVEMOS

Aristoteles Rodrigues

Professor e Psicólogo, Mestre em Ciência da Religião.
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa” da UFJF.
tote.rodrigues@terra.com.br

Ainda que haja processos que envelheçam rapidamente o que é jovem, a cidade não é tão velha que já pudesse estar senil, mas sugere ter entrado em decadência precoce: no padrão brasileiro, as ruas de uma cidade de porte médio mostram que seus habitantes parecem usá-la como corredor entre o local de trabalho, a casa e o shopping. Não é a sina, destino, desta ou daquela cidade: isso é a representação de uma cidade, no Brasil, porque a cidade ainda não se fez e já está à morte.

Edifícios são autorizados e erguem-se desajeitados, em ruas desajeitadas, sem largura ou amplitude para suportá-los; também surgem nas encostas, encobrindo o que nelas possa haver de belo. O ambiente desumaniza-se, faz lembrar Metrôpolis, o belo filme de triste memória, de Fritz Lang, feito em 1927 - em particular, a cena em que o portal de entrada de uma fábrica é transmutado em monstro imenso, que engole e tritura quem ali entra.

Se ainda cobertos por paralelepípedos, o leito de suas ruas contém buracos, ondulações, remendos feitos com asfalto; se já recobertos pelo asfalto, sua base não estabiliza, é composto por pedra “pé de moleque” ou pelo paralelepípedo original e, mesmo quando já recebeu base adequada, é permanentemente sujeito a escorrimientos, depressões e elevações. Os buracos retêm água que pode ter escorrido de calçada lavada, de estabelecimentos comerciais lavados.

Os intestinos da cidade misturam água servida, fezes, urina e água pluvial, indiferentemente; as estações de tratamento dos dejetos são burocráticas, tanto quanto o é a coleta de seu lixo, que deixa rastros e restos onde o caminhão e garis o recolhem. Ratos, baratas e outros hóspedes, característicos dos intestinos da cidade, vivem desses restos, reproduzem-se, proliferam.

Seu ar é poluído, na medida em que uma cidade com cerca de 500 mil habitantes pode ter seu ar poluído, com poucos produtores industriais, ainda que com muitos veículos a circular por suas artérias.

Algumas se orgulham de ser um centro universitário: contam com uma universidade e diversos centros universitários, além de instituições isoladas de ensino superior. Mas, sendo ou não um centro universitário, o nível de ensino é crítico, seja do

superior, do médio ou do fundamental: impõe-se o que será ensinado aos que buscam a escola, ainda que se vejam anúncios de participação do aluno no processo de aprendizagem. Não há participação, burocratiza-se o ensino, que é rigidamente ordenado pelo município, pelo Estado, pela União.

Algumas também se orgulham de ser pólo de um grupo de municípios e ter sua influência estendida para além das divisas de seu Estado com outro, embora sua condição de pólo derive de conquistas havidas há mais de 100 anos, que não têm sido renovadas.

Os espaços em volta de suas igrejas tornaram-se pátios de estacionamento, em geral terceirizados, que acrescentam à renda da ordem à qual elas pertençam, mesmo que à custa da perda do espaço dedicado ao sagrado. A igreja pasteuriza a religião, que veio do campo, que se liga à natureza - a cidade é ligada ao tempo, dispensa aquela forma de religião.

Suas calçadas ainda exibem árvores, ainda que em número e distribuição bem inferiores ao desejável: o fato de ainda haver muitas de porte incompatível com o atual estágio da cidade parece ser impedimento para que se plantem novas, cujas raízes não danifiquem o passeio e os muros. Mas não se as vê sendo plantadas, porque a visão de seus possíveis responsáveis é burocratizada.

Haverá camelôs em suas calçadas, seja atrapalhando quem por elas transita, seja vendendo bugigangas, mídias piratas, mercadorias contrabandeadas ou mesmo drogas ilícitas, paisagem idêntica à medieval, quando as cidades estavam sendo inventadas. E os sistemas de segurança, que deveriam impedir o excesso, cumprem burocraticamente sua função.

A substituição de lâmpadas eventualmente apagadas é burocrática: pode levar até 8 dias, após o pedido, que também obedece à burocracia implantada pela concessionária, mesmo que não faça qualquer sentido.

Não há estímulo à solidariedade, cultuada através da televisão ou mesmo da igreja, sem que se veja o destino final da ajuda eventualmente dada; a vizinhança também não é estimulada. Solidariedade é própria do campo, porque a cidade provê sistemas de saúde, transporte, educação, proteção à criança e ao idoso – dispensa-se a solidariedade.

A segurança da cidade é provida pela polícia federal, pelas polícias civil e militar, estaduais, e pela guarda municipal. Todos buscam ocupar-se com grandes eventos criminosos, enquanto os delitos menos consideráveis vão sendo razoavelmente tolerados.

Os encarregados de redigir as leis que regem a cidade e seus entornos, convencionalmente chamados de município, perderam o sentido e o significado de seu próprio nome, vereadores: não mais caminham pela cidade, não as vêem, deixam que seus auxiliares, denominados assessores, tragam-lhes o que acharem significativo.

Por fim, o administrador, de nome prefeito, étimo que significa “posto como chefe” e que era o magistrado da urbe romana, não consegue entender a cidade e nem pode entendê-la, porque também não é urbano. É um vir-a-ser e talvez um dia o seja – afinal, representa os cidadãos e os munícipes, que também não são urbanos, por enquanto. É, pois, perfeito para os fins a que se destina, embora esteja longe do magistrado do qual se originou.